

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2000. 102 p.

**Rosangela Carrilo Moreno**

Diante dos diversos conflitos de identidades culturais que vivemos atualmente, Stuart Hall em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade* traz algumas indagações e concepções sobre o tema, fornecendo assim, instrumentos para a compreensão desta realidade.

Em seu livro, Stuart Hall discute a questão da identidade cultural na chamada modernidade tardia, buscando responder algumas perguntas como: se há ou não há uma “crise” de identidade, em que ela consiste e quais suas conseqüências. Para isso o autor traz a mudança do conceito de sujeito e identidade no século XX.

O autor é simpático à posição que as identidades estão sendo descentradas, apesar de ser um processo complexo, ainda pouco compreendido e difícil de ser posto a prova. Porém ele desenvolve sua reflexão considerando a fragmentação nas sociedades modernas, apresentando de forma simples as três concepções de sujeito presentes na modernidade; as mudanças na modernidade tardia; e o “jogo de identidades” neste contexto.

Para Hall o sujeito Iluminista, compreendido como indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado de razão, criou uma concepção muito “individualista” do sujeito. Mas diante da crescente mudança do mundo moderno e da compreensão que a autonomia deste sujeito não era exatamente como era concebida, pois ele também é formado na relação com outras pessoas, desenvolve-se a concepção do sujeito sociológico.

Esta concepção de sujeito sociológico caracteriza-se, para Hall, como uma identidade em busca de uma estabilização entre o interior e o exterior, o mundo pessoal e o

---

mundo público, internalizando sentimentos subjetivos em lugares objetivos (mundo social e cultural).

De fato estas concepções demonstram a busca por uma identidade fixa e permanente, mas atualmente elas encontram-se em colapso, em “crise”, ou em “deslocamento” como prefere afirmar Hall. Desta transformação surge o conceito de sujeito pós-moderno, pois diferentemente dos dois conceitos anteriores este sujeito não é caracterizado por uma identidade fixa ou permanente.

É interessante a construção da argumentação de Hall em seu livro, pois ele articula as transformações do conceito de sujeito com as próprias mudanças do mundo moderno. A modernidade, diferentemente das sociedades tradicionais que veneram e perpetuam o passado a cada geração, caracteriza-se pela constante mudança, rompimento ou “deslocamentos”.

O fenômeno da globalização, por exemplo, interfere diretamente na conceitualização de identidade cultural, e suas conseqüências enquanto “pluralização” de identidades, coloca-nos diante do jogo de identidades. Este “jogo” se dá porque muitas vezes as identidades são contraditórias ou se cruzam mutuamente, pois nenhuma identidade singular pode alinhar todas as identidades de forma única, abrangente, conciliando e representando as variadas identidades de uma pessoa. É preciso considerar ainda que a identificação de um sujeito não se dá de forma automática, ela pode ser ganha ou perdida, dependendo muitas vezes da forma como o sujeito é interpelado ou representado.

Detectar esta “pluralização”, “deslocamento” e “jogo” de identidades tem sido freqüente em muitos trabalhos, porém a contribuição do autor está justamente em traçar estas mudanças conceituais durante a modernidade e pensar possíveis conseqüências diante da situação atual.

O pensamento do sujeito individual, unificado e indivisível, fruto de movimentos como a Reforma Protestante, o Humanismo Renascentista, as revoluções científicas e o

Iluminismo, foi pouco a pouco sendo refinado por pensadores como Descartes, Locke, e por teorias como: a biologia darwiniana e as teorias sociológicas e psicológicas. Mas este pensamento do sujeito moderno unificado foi pouco a pouco sendo descentrado por outras teorias como: nas releituras do pensamento Marxista feita por Althusser; no trabalho sobre inconsciente de Freud e Lacan; nos estudos do lingüista Saussure, nas análises de Foucault e na contribuição de vários movimentos da década de 60, em especial, o feminismo.

Conforme coloca Hall, essa “fragmentação” do sujeito e de sua identidade cultural afetou diretamente a identidade nacional construída na modernidade. Essa identidade e cultura da nação moderna buscaram e caracterizam-se por um discurso homogêneo e universal, como cultura nacional.

Entretanto a sutileza de Hall esta em realçar as sutilezas desse processo, trazendo suas ambigüidades e contradições, pois uma cultura nacional vive entre passado e futuro, ora se dirigindo ao passado e suas glórias, ora tentando avançar em direção à modernidade.

Hall desconstrói esta concepção de cultura nacional unificada argumentando que as maiorias das nações foram unificadas após um processo de conquista violento que exerceu uma hegemonia cultural sobre os colonizados, e que uma nação é composta por diferentes classes sociais, grupos étnicos e de gênero.

Outras categorias são utilizadas muitas vezes como dispositivo para unificar e representar “um único povo”, como as categorias de raça e etnia. Mas como afirma Hall estas categorias são tentativas de unificar identidades nacionais (como na fantasia do “eu inteiro” defendida na teoria lacaniana), pois as nações são culturas híbridas e estas categorias são categorias discursivas e não biológicas como muitos afirmam.

Desta forma, ao discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, o autor busca atentar-se na forma pela qual as culturas nacionais buscam “costurar” as diferenças em uma única identidade, pois estas não estão livres do jogo de poder, de contradições e divisões internas.

Com o fenômeno da globalização e o deslocamento das identidades culturais nacionais Hall entende três possíveis conseqüências sobre as identidades culturais: ou as identidades nacionais se desintegrarão como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”; ou as identidades nacionais, “locais” e “particulares” serão reforçadas pela resistência à globalização; ou as identidades nacionais entrando em declínio, e novas identidades (híbridas) estão tomando seu lugar.

Para alguns teóricos os processos globais têm tido o objetivo de enfraquecer as formas nacionais de identidade cultural, criando uma “homogeneização cultural”; para outros estas identificações permanecem ainda fortes, sendo colocadas acima das identificações “globais”. Hall compreende que este debate está na tensão entre o “global” e o “local” na transformação de identidades, parecendo mais provável a produção de novas identidades.

É importante a conclusão, ainda que provisória, defendida pelo autor. A globalização exerceu uma função de contestar e deslocar identidades centradas e “fechadas” da cultura nacional, produzindo um efeito pluralizador sobre as identidades. Este efeito possibilitou novas posições de identificações, mais políticas, plurais e diversas, menos fixas e unificadas.

Entretanto há alguns esforços em busca de recuperar as unidades, as certezas e a “pureza” anterior, ou seja, de se manter as identidades ao redor do que Hall chama de “Tradição”. Ao mesmo tempo outros aceitam que as identidades estão sujeitas as mudanças da história, da política, da representação, e assim seria improvável que elas sejam novamente “puras” ou unitárias, pertencendo assim ao universo da “Tradução”.

É sobre o conceito de “Tradução” que Hall compreende os deslocamentos de identidades da globalização, pois apesar de ser tentador pensar que ou a globalização acabará levando as identidades culturais a retornarem as raízes, ou desaparecerá por meio da assimilação e homogeneização, ele entende que há a possibilidade de formação de novas

identidades. Esta formação de novas identidades será por meio da intersecção e negociação das novas culturas, o que não implicará na simples assimilação por elas, ou na perda completa de suas identidades, mas como resultado de várias histórias e culturas. Assim há fortes tentativas de retorno à “Tradição”, buscando fechamento e coesão de identidades. Hall cita dois exemplos: o ressurgimento do Nacionalismo na Europa Oriental e o crescimento do fundamentalismo; buscando ressurgir o sentimento de etnia, não por uma distintiva étnica institucionalizada, mas por uma distintiva pronunciada.

Estes ressurgimentos de nacionalismos e particularismos no final do século XX, com a globalização, são efeitos bastante inesperados. Hall afirma que tanto o capitalismo quanto o marxismo, apostavam de diferentes formas, na ascensão de valores e identidades mais universalistas. Entretanto Hall entende que a globalização não está havendo nem o triunfo do “global”, nem a persistência do nacionalismo “local”, mas o que se assiste é o deslocamento e desvios da globalização de forma mais variada e contraditória.

Encarar o sujeito pós-moderno e as identidades culturais em uma perspectiva menos fixa, mais “deslocada”, é o nosso desafio, pois significa redimensionar a figura do indivíduo e da sociedade, sobre outros paradigmas.

**Rosangela Carrilo Moreno**

Mestranda em Educação

Faculdade de Educação da UNICAMP

Membro do GEMDEC (Grupo de Estudos em  
Movimentos Sociais, Educação e Cidadania)

e-mail: [Hrocarrilo@yahoo.com.br](mailto:Hrocarrilo@yahoo.com.br)

Recebido em: 30/05/2004

Publicado em: 26/06/2004